

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

JULIA DUTRA DE CASTRO

**IMAGEM CORPORAL, INSTAGRAM E EJA: UMA PERSPECTIVA PARA A
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

BRASÍLIA
2022

JULIA DUTRA DE CASTRO

**IMAGEM CORPORAL, INSTAGRAM E EJA: UMA PERSPECTIVA PARA A
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.
Orientador: Prof. Dr. Lauro Casqueiro Vianna.

BRASÍLIA

2022

Julia Dutra de Castro

**Imagem corporal, Instagram e EJA: Uma perspectiva para a Educação Física
escolar**

Prof. Dr. Leonardo Lamas Leandro Ribeiro
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Lauro Casqueiro Vianna
Orientador
Universidade de Brasília

Prof. Ma. Rosa Virginia Diaz Guerrero
Suplente
PPGEF-UnB

Este trabalho é dedicado aos alunos da Educação de Jovens e Adultos, que persistem na busca de um futuro melhor mesmo quando não favorecidos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todas forças divinas que me guiaram e me prepararam durante todo o processo.

Agradeço aos meus pais por toda compreensão e por me incentivarem a buscar tudo o que eu acredito, ao meu irmão por ser meu maior presente e fortaleza, às minhas avós Vita, Urussuca e Torta por serem minhas inspirações e agradeço ao meu primo Lucas que juntamente de seu companheiro Yan, acreditaram quando nem mesmo eu considere que conseguiria.

Agradeço aos meus amigos, pela motivação e amparo em todos os momentos. Neste trabalho, agradeço especialmente aos que compartilharam essa vivência de pertinho comigo, Karol, Marcela e Higor tornaram tudo maior e muito melhor.

Agradeço ao meu parceiro de sentimento, Mateus, por sua sensibilidade e está sempre suavizando as escoriações do meu crescimento.

Agradeço a todos os professores que iluminaram a minha formação acadêmica e pessoal. Ao meu orientador, professor Lauro, por ter me apresentado a prática científica, me mostrado muito mais do que a graduação e por me acolhido no NeuroVASQ.

Agradeço às pessoas que compõem a UnB e tornaram o curso em algo para além da certificação, valioso na formação humana. Grande honra ter vivido essa universidade.

Agradeço imensamente a tudo de alguma forma para que eu chegasse até a execução deste trabalho e conclusão do curso.

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da Educação Básica destinada aos indivíduos que não concluíram a formação no período regular. Constituída com o propósito de democratização do ensino e equidade na preparação cidadã, é fundamental para ampliar as oportunidades de aproximação do conhecimento formal e transformação do meio em que esse aluno está inserido. Entretanto, a modalidade enfrenta adversidades em sua prática pedagógica e desabonos de seus componentes curriculares, o que resulta em uma desvalorização do ensino e aumento da evasão escolar. Dentro desse contexto prático dos componentes curriculares da EJA, a Educação Física (EF) é colocada em segundo plano e se têm poucos registros de investigações na literatura que proponha mudanças e crescentes alternativas na estabilização da disciplina para este público. Apesar da problemática, é sabido que a EF possui uma variedade de conteúdos que não se limita ao procedimental, e tem o amplo potencial de se aproximar da realidade dos alunos da EJA. Por isso, propomos um diálogo da EF na EJA com um tema atual e importante de ser tratado na conjuntura escolar, a Imagem Corporal, destacando sua relevância e associação com a promoção da saúde. Desse modo, este estudo analisou o aparato científico e verificou a conexão dos elementos elencados na pesquisa. Como conclusão dessa discussão, acreditamos na viabilidade da intervenção da IC no ambiente educacional e incentivamos a realização de estudos futuros para que sejam analisados métodos pedagógicos para atender as especificidades da EJA.

Palavras-chaves: Imagem Corporal; Educação de Jovens e Adultos; Instagram e Educação Física.

ABSTRACT

Youth and Adult Education (EJA) is a modality of Basic Education intended for young people and adults who have not completed training in the regular period. Constituted with the purpose of democratization of teaching and equity in citizen preparation, the modality faces adversities in its pedagogical practice and collapses of its curricular components. Within this practical context of the curricular components of EJA, Physical Education (EF) is placed in the background and there are few records of investigations in the literature that propose changes in this reality. Coexisting with the problem of education of mature students, the adornments related to negative body image have been alarming in relation to public health, given that the wide use of social networks such as Instagram, is one of the main factors of spreading the ideal body pattern. In this sense, this study aimed to discuss the possibility of including Body Image (IC) interventions in EF classes at EJA. Analyzing the scientific apparatus, the connection of the elements of the research was considered as viable and as an incentive for future studies that analyze pedagogical methods to meet the specificities of EJA.

Key-words: Body Image; Youth and Adult Education; Instagram and Physical Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Distribuição de usuários do Instagram em todo o mundo a partir de abril de 2022, por idade e sexo.....	15
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Conteúdos e Conhecimentos Específicos da Educação Física para o Terceiro Segmento da EJA.....	20
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
JUSTIFICATIVA.....	11
A IMAGEM CORPORAL.....	12
INSTAGRAM E O PADRÃO CORPORAL “IDEAL”	15
A EJA E A EDUCAÇÃO FÍSICA	17
ESTUDOS QUE CONTEMPLAM.....	22
CONCLUSÃO.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

1. INTRODUÇÃO

A difusão midiática do corpo ideal se estendeu ainda mais com o fenômeno das redes sociais. Entre os sites de inter-relações, os que possuem como característica predominante o compartilhamento de fotos e vídeos, como o Instagram, dispõe de fatores que sequenciam a insatisfação corporal. Entre os pretextos causais, encontra-se a divulgação de padrões de beleza irreais, a idealização internalizada e a comparação por pares (APARÍCIO-MARTINEZ et al., 2019).

Paralelo ao crescimento da disseminação virtual da mídia, os norteadores educacionais se adaptam à realidade digital e têm implementado conteúdos relacionados à instrução de utilização da tecnologia e também a crítica de padrões disseminados pela mídia (BRASIL, 1997). No entanto, o propágamento dos conteúdos de documentos pedagógicos não têm estendido com a mesma relevância na prática pedagógica na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A EJA originalmente é estruturada para formação de indivíduos que não tiveram oportunidade de concluir a Educação Básica no tempo regular. Mas durante o seu processo de construção, foi cada vez mais associada como rápida certificação, falhando na eficácia de ações educacionais que atendessem as especificidades da modalidade. E nesse processo de perda de identidade, os componentes curriculares que fundamentam a integridade da formação, são colocados em segundo plano, ao exemplo da Educação Física (GOUVEIA e SILVA, 2015). Dentre as razões que desfavorecem o reconhecimento das atribuições da disciplina, está o histórico negligente, incluindo a presença facultativa e a distância dos conhecimentos formais em relação aos experienciados cotidianamente.

Diante disso, o objetivo deste estudo foi propor um diálogo entre Imagem Corporal, Instagram e as aulas de Educação Física na EJA, buscando estimular a elaboração de mais estudos com a EJA em centralidade, colaborando com o desenvolvimento de elementos reflexivos para a educação integral destes sujeitos. Para isso, será realizada uma revisão de literatura a partir de artigos, análise documental e trabalhos acadêmicos. Buscando estimular a elaboração de mais estudos com a EJA em centralidade, colaborando com o desenvolvimento de elementos reflexivos para a educação integral destes sujeitos.

2. JUSTIFICATIVA

A justificativa para a escolha do escopo deste trabalho, está na especificidade e no que concerne às singularidades, que a modalidade da Educação de Jovens e Adultos impacta em cada aluno que decide começar ou dar continuidade na jornada educacional. A Educação Física pode colaborar com a forma que este indivíduo se enxerga e/ou se sente, dessa forma, a utilização da imagem corporal como meio de intervenção em alunos do EJA pode trazer benefícios atrelados à promoção de saúde, principalmente a mental. Em uma delimitação mais precisa, analisando a realidade atual é facilmente identificável a onipresença das redes sociais na autotransformação, tendo o Instagram grande relevância nessa associação do que é a imagem tida como “ideal”. Mas oferecer instrumentos para que o aluno saiba interpretar

Por fim, a proposta de dialogar conteúdos referente a um dos componentes curriculares dessa modalidade pode favorecer mais investigações futuras e visibilidade para questões associadas à EJA e, preferencialmente, difundir uma educação crítica e transformadora.

3. A IMAGEM CORPORAL

O conceito de imagem corporal (IC) representa uma complexidade polissêmica, devido às nuances que o termo abrange em cada indivíduo, desde os sentimentos, idealizações, pensamentos e convicções sobre seu próprio corpo, que impactam seu comportamento de forma global (BARROS, 2005). Embora a aparência física seja um aspecto importante da imagem corporal, não é o único fator delimitante, características emocionais, cognitivas, comportamentais e perceptivas, assim como a autoestima, as influências e tendências pré definidas socialmente estão diretamente associadas à construção da perspectiva de uma pessoa sobre si mesmo.

A área de estudo de IC é caracterizada por seu atributo multifacetado, e que por consequência de sua abrangência em diferentes campos de estudo se tem uma interdisciplinaridade da própria definição (ÁBRAHÂM, 2017), e em razão disso, a busca pela compreensão do que caracteriza a imagem corporal têm recebido cada vez mais aprimoramento. Contextualizando historicamente o surgimento dessa área, os primeiros registros sobre a percepção do corpo ocorreram com a investigação do membro fantasma proposto pelo cirurgião Ambroise Paré. Após essa descoberta, Henry Head e Gordon Holmes implementaram o termo “esquema corporal”, que caracterizava o espaço que o sujeito ocupava e como se movimentava em dado espaço, bem próximo do que definimos atualmente como imagem corporal. Mas foi através dos estudos do neurocientista Paul Schilder, que se desenvolveram as maiores contribuições acerca do que concretiza a imagem corporal (NAZARETH; CASTRO, 2021).

Em suas investigações, Schilder (1935, p.11 apud SCATOLIN, 2012, p.115) compreendeu a imagem corporal como “a figuração de nosso corpo formada em nossa mente; ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós” e explorou sua contínua construção, observando que integramos e diferenciamos aspectos ao longo da vida sobre a imagem representativa de nós mesmos. Além disso, a caracterizou como um fenômeno tridimensional que engloba o fisiológico, psicológico e sociológico, sendo o social não só utilizado para refletir posições comparativas com o externo mas também como mecanismo reativo direto, por meio de palavras e atos dirigidos ao nosso corpo (SCATOLIN, 2012).

Ainda nesta mesma perspectiva histórica, os estudos de associações e correlações com a IC foram se desenvolvendo também ao abordar questões neuropatológicas, onde foi possível identificar uma dualidade na percepção corporal mesmo em não pacientes, notou-se que a imagem corporal negativa é comumente identificável em todos os tipos de população (HOSSEINI; PADHY, 2019). Todavia, a percepção negativa sobre o corpo está associada à distúrbios e doenças, e por isso a continuidade de contribuições presente na literatura acerca do tema, ampliam este segmento de compreensão sobre o que modifica o olhar e pensar sobre a auto figuração.

As denominações utilizadas comumente para retratar a imagem corporal recusa variam entre os termos insatisfação corporal, distorção da imagem corporal, perturbação da imagem corporal, imagem corporal negativa (HOSSEINI; PADHY, 2019), entre outros que são utilizados principalmente no campo de pesquisa e são empregados para pacientes e não pacientes, variando a forma de desígnio. A conceitualização da insatisfação corporal é caracterizada pela discrepância entre a imagem que o indivíduo constrói sobre si e a imagem que é tida como ideal e por muitas vezes, por influência social, comparação com outros biotipos e recentemente pela mídia que tem enfatizado ainda mais esses padrões corporais (HOLLAND; TIGGEMANN, 2016).

Mas, mesmo que o anseio com a representação do próprio corpo seja um acontecimento corriqueiro na vida de qualquer indivíduo e não seja considerada uma patologia em si, a literatura científica demonstra que os riscos no seguimento da insatisfação corporal está atrelado à condições que favorecem o desenvolvimento da depressão, ansiedade, baixa autoestima e desordenação alimentar (HOLLAND ;TIGGEMANN, 2016) . Assim, o principal agravante da insatisfação corporal está no sofrimento de conviver com uma imagem deturpada, os sentimentos não compreensivos consigo mesmo, o afastamento da sensação de bem-estar, além das ações exageradas que são acometidas no intento desse alcance do ideal, sendo a insatisfação positivamente relacionada com o risco de suicídio (ZELIHIĆ et al., 2021).

As relações sociais afetam diretamente a forma que o indivíduo se enxerga, seja por comentários sobre o corpo ou as atitudes de comparação, o olhar do outro pode por vezes influenciar e colaborar com a insatisfação corporal. E além desse tipo de contato proximal, ainda existem ferramentas potencializadoras da mídia em

massa que propagam de maneira mais abrangente a padronização dos corpos, perdurando por anos imagens de corpos considerados como “ideias” e os veiculando em revistas femininas, televisores e outros recursos visuais (HOLLAND; TIGGEMANN, 2016).

Essa influência midiática corrobora com um cenário desregulado e estereotipado, onde o público feminino busca se modelar em corpos cada vez mais esguios, tonificados e inacessíveis para se encaixarem em um padrão de beleza validado apenas pelo corpo, considerado por alguns estudos da área como característico de uma sexualização e/ou objetificação do corpo da mulher (DRENTEN; GURRIERI, 2018; HU, 2018). Enquanto os homens são afetados por veículos da mídia de maneira diferenciada, os seus estereótipos são moldados para valorizar o volume dos músculos e está aliado a auto-objetificação, enquanto buscam êxito no comparativo social se baseando exclusivamente na estética de um corpo musculoso (GRIFFITHS et al., 2018). Depreendendo assim, que apesar dos critérios físicos distintos, mulheres e homens estão dispostos à insatisfação corporal e seus problemas consequenciais.

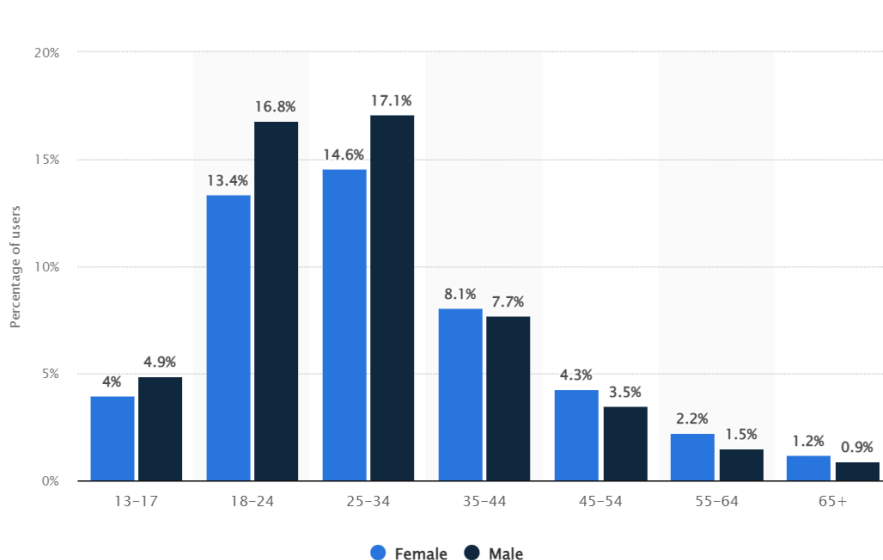
A presença da mídia tradicional perdura por muito tempo no aparato comparativo das pessoas, e até mesmo nas programações de lazer o padrão estético é fixado. Recentemente, surgiu uma nova mídia ainda mais popular e de mais fácil acesso, a mídia social (HOLLAND; TIGGEMANN, 2016). Nesta, também ocorre essa fixação da IC perfeita, transmitida com inovações tecnológicas mais persuasivas, o ambiente virtual tornou maior a divulgação de imagens editadas para serem mais consumidas e as redes sociais colaboram com esse processo através de recursos de interligação de gostos semelhantes, aprovação de fotos pela ferramenta que permite avaliar se o indivíduo curtiu ou não a foto postada e uma motivação na busca de engajamento nas interações virtuais (GRIFFITHS et al., 2018).

4. INSTAGRAM E O PADRÃO CORPORAL "IDEAL"

O Instagram é uma plataforma da mídia social, lançada em 2010, que permite aos usuários a realização de uploads e compartilhamento de fotos/vídeos através de aparelhos móveis (SHARMA et al., 2022). Usuários da internet utilizam ativamente esse aplicativo que integra a categoria das redes sociais por pares, ou seja, o indivíduo tem total ação sobre as informações, promovendo e recebendo de forma concomitante. Essa ferramenta ainda permite a pesquisa livre de assuntos ou contas, e além das postagens visuais sobre o cotidiano, o Instagram oferece recursos de avaliação sobre os conteúdos postados por meio das curtidas, reações e os espaços reservados para acrescentar comentários (HOLLAND; TIGGEMANN, 2016). Recentemente a rede social tem ampliado seu aparato de filtros editores, principalmente após o surgimento de vídeos que desaparecem depois de 24 horas e isso tem gerado questionamentos sobre a aparência natural ao comparar com as alterações artificiais.

Sua popularidade conta com mais de um bilhão de usuários em todo mundo com estimativas crescentes destes números, e a sua distribuição de usuários atualmente possui maior popularidade na faixa etária dos 18 aos 34 anos, como demonstrado nos dados do *Statista Research Department* (2022). Um ponto importante de indagação é o comportamento que a atual faixa dominante apresenta na plataforma e como esta afeta o cotidiano desses indivíduos.

FIGURA 01 - DISTRIBUIÇÃO DE USUÁRIOS DO INSTAGRAM EM TODO O MUNDO A PARTIR DE ABRIL DE 2022, POR IDADE E SEXO.



Fonte: Statista, 2022.

Atualmente, as redes sociais em geral transpassam os aparelhos móveis e adquirem um grande espaço na vida das pessoas, diferentemente do consumo passivo na mídia televisiva, de revistas e recursos visuais, nestas formas midiáticas os indivíduos possuem autonomia para serem ativos e têm como resultado uma onipresença em outros âmbitos pessoais dos usuários (HOLLAND; TIGGEMANN, 2016). Além do mais, essas ferramentas ainda podem disponibilizar diversos benefícios no âmbito social, profissional, oferecendo atributos para lazer e entretenimento, informativos sobre diversos conteúdos e contribuição significativa da exteriorização de sentimentos e identidade (FAELEN et al., 2021).

Entretanto, apesar de todos os proveitos destes aplicativos, seu uso exacerbado é apontado como causal na literatura que refere-se a insatisfação corporal e os seus transtornos subsequentes. Uma relevante característica das plataformas sociais, apesar do seu conjunto possuir características de engajamento e notoriedade, individualmente elas diferem consideravelmente em suas funcionalidades e, conseqüentemente, em seus efeitos específicos na vida de quem as consome. Um exemplo dessa diferenciação apresenta-se na influência de redes sociais nos distúrbios da imagem corporal, quando visualizada separadamente é possível identificar que o Instagram oferece maior periculosidade quando comparado com outros sites de mídia Facebook e Twitter, devido sua característica de estruturação possuir um conteúdo baseado em imagens e constantes feedbacks (APARICIO-MARTINEZ et al., 2019; FAELENS et al., 2021).

Visto a importância da contextualização e descrição do cenário virtual em que a imagem corporal está inserida, é relevante para o entendimento de uma variável importante na relação com o Instagram, pois segundo Faelen et al. (2021), em seu estudo de análise da literatura que investiga o impacto dessa rede social na saúde mental, existe uma progressiva comparação social em que os usuários que postam conteúdos visuais a se compararem, e se estende também para aqueles que consomem e as apropriam. A problemática disso está na insatisfação com a aparência, mesmo com a ciência da irreabilidade de filtros editores, o ideal é instalado e em sequência, são expressos diversos registros de adversidades psicológicas (depressão, ansiedade) e principalmente a distorção da própria imagem, transtornos alimentares na compulsiva busca de realizar a idealização.

5. A EJA E A EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) compreende uma etapa específica da educação básica destinada à aprendizagem dos indivíduos que por alguma razão foram impossibilitados de iniciar ou prosseguir com os estudos no ensino regular. Abrange os conhecimentos equivalentes ao Ensino Fundamental e Médio. Entre os motivos da continuação do processo educacional, são devido a busca dos alunos de prosseguir o requerimento do conhecimento formal, e principalmente, como fruto da indagação de como proporcionar melhores condições pessoais e/ou profissionais, e dar continuidade a objetivos interrompidos anteriormente (DISTRITO FEDERAL, 2014).

O público alvo da EJA possui particularidades de demanda no processo de aprendizagem, devido a fatores relacionados às condições econômicas, sociais e culturais. A maioria dos alunos fazem parte da classe trabalhadora, e isto significa que esses seguem seus afazeres no trabalho, na rotina doméstica e com a família, para no final do dia recorrer ao ensino público como oportunidade de aprendizado e ascensão em todos âmbitos e ocupação dos direitos como cidadãos (DISTRITO FEDERAL, 2014). Neste sentido, deve ocorrer uma abordagem distinta e bem direcionada ao lidar com essa coletividade heterogênea, que se diferencia do ensino regular devido às condições dos seres que compõem a mesma turma, com suas vivências pessoais e a personalidades já formadas.

A prática pedagógica dessa etapa é um assunto muito discutido entre os especialistas para formação de projetos e documentos que norteiam a educação do país, pois além da ausência, frequente, de condições básicas para garantir a constância e permanência dos alunos em formação, a EJA possui algumas barreiras na aplicação dos conteúdos por uma questão de dificuldade de adaptação e aproximação da realidade do aluno ao objeto de estudo dessa área de conhecimento. Essa etapa é tida como uma facilitação da obtenção do diploma, então reconhecimento das limitações e especificidades da classe trabalhadora, ligada ao nivelamento da aprendizagem de um agrupamento de vivências distintas juntamente com relação estreita aos saberes já obtidos no cotidiano, são incentivos para uma formação continuada que não se limita à finalização de um ciclo educacional (DISTRITO FEDERAL, 2104; BRASIL, 2017).

Contudo, quando o projeto chega na sala de aula são notáveis as adversidades práticas na implementação da EJA. Apesar de todas suas discussões

para formulação e garantia de equidade no ensino, o currículo não contempla todos os conteúdos necessários para a formação de um ser capaz de transformar sua realidade, às vezes por se apresentar muito tecnicista, não explorando mais do que a preparação profissional, ou por não ter tempo suficiente de explorar de maneira integral, devido a compactação da carga horária dessa modalidade (GOUVEIA e SILVA, 2015). O trabalho educacional conta com singularidades desafiadoras, sendo que, apesar de uma “otimização” do período escolar, essa modalidade perpassa por todas as etapas da educação básica e não remete a apenas a alfabetização, mas a formação de um cidadão autônomo e crítico.

Em uma visualização mais restrita, delimitada na EJA tendo como lócus a Educação Física, a problemática de estruturação existe a partir dos documentos que garantem legalmente a integração de jovens e adultos em período escolar na cultura corporal do movimento, uma vez que é feita a consideração sobre a disciplina no Decreto 1.041 de 1969, abrindo perspectivas da facultatividade da disciplina no contexto:

A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação infantil e do ensino fundamental, sendo sua prática facultativa ao aluno: I - que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; II - maior de trinta anos de idade (grifo nosso); III - que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; IV - amparado pelo Decreto-Lei no 1.044, de 21 de outubro de 1969; V - (vetado); VI - que tenha prole” (BRASIL, 2017, p.20).

Isso expressa alarmante um paradigma subsistente na validação do conteúdo das aulas de Educação Física como integrante do processo formativo de jovens e adultos. A compreensão causal de tal falha na delimitação do que é obrigatório ou realmente necessário na formação está no atrelamento com os fatores socioculturais que estiveram presentes na história do ensino brasileiro em geral e nas características específicas da EJA, que foi negligenciada até mesmo no investimento e políticas públicas (REIBNITZ; MELO, 2021) juntamente com a busca de progresso educacional e científico da Educação Física, que por muito tempo se adequou ao contexto em que estava inserida historicamente e desde sua implementação, enfrentou dificuldades de afirmar sua identidade no âmbito escolar.

Segundo REIBNITZ e MELO (2021), ocorre um tipo de associação com a infância e incapacidade, que desconsidera os saberes dos adultos e não se procura maneiras de tornar o conhecimento sistematizado útil para suas realidades. Em outro ponto, as autoras ainda citam críticas à educação por uma base comum, que

valoriza um único conhecimento e a possibilita com uma das causas de repetência. São questões derivadas de uma elaboração de currículo que se baseia nas etapas do ensino regular, que é constituído com didática específica para as faixas etárias e nível educacional.

Todavia, em meio a estas condições adversas, existem possibilidades nos princípios que orientam a Educação Física, expressos em alguns documentos como os Parâmetros Nacionais Curriculares (1997). Onde além dos Princípios Pedagógicos da Educação Física já estabelecidos que orientam o processo educacional, documentos referenciais e elementos observados no aparato teórico dialogam conteúdos que ampliam uma didática acessível. As propostas pedagógicas são categorizadas em teoria, procedimentos e atitudes, que aproximam o aluno dos conhecimentos e imersão na cultura corporal, integrando o aluno ao pensamento e posicionamento crítico.

Nesse mesmo desencadeamento de ideias, a construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) elaborada num contexto mais recente, inclui nas competências da educação básica o domínio das tecnologias digitais em divergência da educação tradicional, e têm sido propostos diálogos mais voltados para formação integral, compreensão e transformação da realidade em que o aluno está inserido, enfatizando a valorização da diversidade. Além disso, há uma preocupação do reconhecimento e preservação da saúde mental e física, nessa mesma perspectiva de integralização da formação (BRASIL, 2017). O ensino em sentido amplo tem sido equiparado à realidade atual, se inclinando para questões que já eram pontuadas como visão crítica dos padrões de beleza, estética corporal e saúde, consolidando medidas que interpretem a diversidade e oposição ao que é disseminado pela mídia (BRASIL, 1998).

No entanto, fica como desafio a implantação desses conteúdos relevantes na lacuna da modalidade de Jovens e Adultos, evitando somente abranger os conteúdos do Ensino Fundamental e Médio, mas adaptando às suas singularidades. Exemplifica-se pela proposta de atividades pedagógicas do Currículo em Movimento, referência para o sistema educacional do Distrito Federal, retrata o reconhecimento das dificuldades estruturais da história do EJA, em investimentos e adequação metodológica. O desprivilégio é pontuado juntamente com a questão legal que delimita facultativa a presença dos alunos (que se identifiquem com as características citadas) nas aulas de Educação Física. Mas enfatiza a perspectiva de

mudança através de esforços dos profissionais desse componente curricular para adesão dos alunos, inclusive daqueles em que a presença é facultativa, pensando além das dificuldades.

Em consonância com a contextualização da importância de uma boa figuração e posicionamento crítico com o que é imposto, a construção teórica do Currículo em Movimento que categoriza os objetos gerais da Educação Física como componente Curricular da EJA, abrange como um dos propósitos: “ Compreender e ser capaz de analisar criticamente valores sociais como padrões de beleza, relações entre os sexos e preconceitos” (DISTRITO FEDERAL, 2014).

Somatizando-se a isso, as guias de conteúdos e objetivos específicos do documento, apresentam sugestões de componentes em cada segmento que podem ser associados a temas que também estão presentes no cotidiano, entre os variados citados, destaca-se a autoestima e autoconhecimento, como demonstrado no Quadro 01.

QUADRO 01 - CONTEÚDOS E OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O TERCEIRO SEGMENTO DA EJA

EJA – Terceiro Segmento • 3ª etapa – Educação Física	
Objetivos específicos	Conteúdos
<ul style="list-style-type: none"> • Possibilitar aos estudantes o entendimento da Educação Física escolar como qualidade de vida para o mundo do trabalho e lazer. • Relacionar os conhecimentos de Educação Física com a cultura do estudante. • Estabelecer a relação da Educação Física com as tecnologias. • Conhecer o campo de atuação da Educação Física. • Adquirir conhecimento teórico das noções básicas de socorros de urgência. • Reconhecer a atividade física como elemento de ludicidade, prazer e recreação nos mais variados ambientes. • Valorizar o trabalho em equipe na busca de um bem comum • Relacionar a atividade física com o gênero e idade. • Introduzir hábitos posturais saudáveis no cotidiano. • Reforçar a autoestima por meio da atividade física. • Possibilitar aos estudantes a vivência sistematizada de conhecimentos e habilidades da cultura corporal. • Adotar hábitos de higiene, reeducação alimentar e prática de Educação Física para prevenção de doenças. • Conhecer o funcionamento 	<ul style="list-style-type: none"> • Noções de primeiros socorros • Organização de ruas de lazer, gincanas, jogos interclasses, torneios e festivais • Estratégias de equipe, regras combinadas, integração pelas práticas, solução de problemas • Os jogos de salão no auxílio da cognição, raciocínio lógico e solução de problemas • Gênero e atividade Física • Ginástica laboral • Autoestima: conceito e técnicas motivacionais • Jogos e atividades recreativas • Cultura corporal • Benefícios da prática de atividades físicas • Importância da atividade física (preventiva, terapêutica, de qualidade de vida e reabilitação) • Estilos de vida e doenças relacionadas (sedentarismo, obesidade, doenças cardíacas, entre outras) • Atividade física na prevenção de doenças do trabalho • Noções de funcionamento do corpo humano: Sistema Digestório • A importância dos grupos alimentares associados à prática da atividade física

Fonte: Currículo em Movimento, p. 128, 2014.

O quadro expõe os conteúdos aparentes no terceiro segmento, onde é notável uma presença maior de materiais críticos, propositalmente abordados para propiciar uma visão analítica de onde se insere. Considera que estes conteúdos do terceiro segmento equivalem aos conhecimentos trabalhados na etapa do Ensino

Médio. Mas ao contrário do trabalho educacional comum, com aparato literário, a ação pedagógica no terceiro segmento da EJA é ainda mais desafiadora, pois perpassa o contexto alfabetizador e ressalta a necessidade criativa e improvisadora do mediador para propor a aproximação dos conteúdos em meio rarefação de material didático da modalidade.

6. ESTUDOS QUE CONTEMPLAM

Estudos realizados com adolescentes de diferentes nacionalidades, tiveram como objetivo intervir na imagem corporal propondo metodologias para proporcionar uma boa forma de se enxergar, recomendaram a utilização da escola como principal ambiente de intervenção. Destaca-se entre os incentivos elencados para a implantação dos protocolos educacionais, o fácil acesso ao público alvo e juntamente com as condições de influência da inserção social e aprendizagem, acrescido a isso, a convivência nesse ambiente social pode favorecer a comparação por pares, que é uma das características diretamente associadas à insatisfação corporal (YAGER et al., 2013; LEWIS-SMITH et al., 2022). Outra característica relevante, se agrega ao fato da abordagem no espaço escolar representar um meio relativamente econômico, e utilizando como amparo o trabalho realizado em regiões rurais da Índia, esse tipo de abordagem representou eficácia ao intervir em uma população sem acesso à promoção de saúde mental (LEWIS-SMITH et al., 2022).

Por outro lado, a concretização de implementar programas para imagem corporal é complexa, visto que o ambiente da sala de aula possui suas particularidades e carece da instrumentalização do conteúdo de forma eficaz para os alunos e instruções na formação de professores. Buscando compreender o caminho das abordagens da imagem corporal nas escolas, Yager et al. (2013) realizaram uma análise dos instrumentos de intervenção para adolescentes do Ensino Médio verificando a eficácia na melhoria da imagem corporal e os fatores relacionados à insatisfação corporal que possuem algum potencial de alteração. Como resultados, os autores notaram uma prevalência, entre os estudos que estavam dentro do critério de inclusão, de conteúdos combinados com a “alfabetização midiática” e demonstraram eficácia logo no início das ações interventivas nos programas desenvolvidos para meninas e para meninos.

Yager et al. (2013), encontraram na bibliografia artigos que identificaram incentivo para a intervenção ter início precoce, um propondo intervenções na faixa etária de 12 e 13 anos, outros denominando 15 anos para garantia da efetividade. Entretanto, os autores da revisão salientaram um aspecto importante sobre os ideias de aparência e obstinação de alcance a padrões estéticos:

O ambiente escolar oferece a oportunidade de incluir conteúdos para melhorar a imagem corporal em todas as fases do desenvolvimento. Portanto, em vez de determinar o 'momento perfeito' para intervir, os futuros esforços de prevenção precisam determinar quais abordagens e conteúdos

são mais apropriados para cada faixa etária para que possam ser incluídos nos currículos escolares de acordo. (YAGER et al., 2013)

A alfabetização midiática que vem sendo utilizada amplamente nas intervenções da imagem corporal, consiste na instrução dos indivíduos, para que lide com as informações recebidas de forma consciente. Entre as capacidades desenvolvidas, a avaliação da credibilidade da fonte, interpretação da simbologia apresentada no entretenimento, meios publicitários e sociais, além da distinção da emoção do que é lógico, resultando no desenvolvimento das faculdades críticas. Exemplos de utilização desse procedimento na escola ocorreram na base escolar da Espanha, que o empregaram com o intuito de reduzir os níveis de transtornos alimentares, e o Media Smart, desenvolvido na Austrália, para amenizar as inquietações de meninas com as formas do próprio corpo (WELSH;WRIGHT, 2010; HOLLAND;TIGGEMAN, 2016).

Juntamente com a alfabetização, outros métodos desenvolvidos como intervenção tentam demonstrar eficácia no abrangente educacional. A autocompaixão está associada em como lidar com as próprias falhas, administração de frustração e aproximação do relacionamento consigo mesmo e tem o intuito de proteger a imagem corporal dos fatores de riscos. Nesse mesmo sentido, a autoestima e a flexibilidade corporal, representam respectivamente, o autoconhecimento, experimentação do próprio corpo para conhecê-lo e conceber a apreciação, e o outro representa a habilidade de lidar com influências, sentimentos intensos e perspectivas, mas possuir a remediação intrínsecas (WELSH;WRIGHT, 2010).

7. CONCLUSÃO

Diante desse exposto, esse estudo traçou um diálogo que possibilitou enxergar a implementação de intervenções da imagem corporal nos espaços educacionais que abrangem a Educação de Jovens e Adultos e que os instruem a lidar com informações da mídia, em especial essas que disseminam o padrão ideal, como o Instagram. Destacamos que são necessárias mais investigações para propor os melhores métodos para atender as especificidades desses alunos e ampliamos expectativas de que a Educação Física como componente curricular dessa modalidade de ensino carece de mais inquietações voltadas para o cotidiano da EJA.

Além disso, enfatizamos a necessidade de alcançar a educação em sua integralidade, que proporcione autonomia, reflexão e transformação. Para isso, é impreterível pensar também na saúde mental desses alunos, a imagem corporal negativa é potencialmente prejudicial ao bem-estar. Logo, proporcionar imagem corporal positiva também significa buscar saúde pública.

REFERÊNCIAS

- ÁBRAHÁM, I. et al. "Body image and body image distortion", **Orvosi Hetilap**, v. 158, n. 19, p. 723-730, 2017. DOI:10.1556 / 650.2017.30752.
- APARICIO-MARTINEZ, P. "Social Media, Thin-Ideal, Body Insatis eating Attitudes: An Exploratory Analysis", **International Journal of Environmental Research and Public Health**. v.16, n.21, p. 4177, 2019. DOI: 10.3390/ijerph16214177.
- BARROS, D. D. "Imagem corporal: a descoberta de si mesmo", **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 2: p. 547-54, 2005. DOI: 10.1590/S0104-59702005000200020.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. **Ministério da Educação**, Brasília, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 17 jul. 2022.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1997.
- DISTRITO FEDERAL. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Pressupostos Teóricos do Currículo em Movimento da Educação Básica**. Brasília: SEDF, 2014.
- DRENTEN, J., GURRIERI, L. "Crossing the# bikinibridge: Exploring the role of social media in propagating body image trends", **The Dark Side of Social Media**, Routledge, 2017. p. 49-70. DOI:10.4324/9781315167718-4.
- FAELENS, L. et al. "The relationship between Instagram use and indicators of mental health: A systematic review", **Computers in Human Behavior Reports**, v. 4, p. 100121, 2021. DOI:10.1016/j.chbr.2021.100121.
- GRIFFITHS, S. et al. "The Contribution of Social Media to Body Dissatisfaction, Eating Disorder Symptoms, and Anabolic Steroid Use Among Sexual Minority Men", **Cyberpsychology, Behavior, and Social Ntetworking**, v. 21, n. 3, 2018. DOI: 10.1089/cyber.2017.0375.
- GOUVEIA, D. S. M. SILVA, A. M. T. "A formação educacional na EJA: dilemas e representações sociais", **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 17, p. 749-767, 2015. DOI:10.1590/1983-21172015170310.
- HOLLAND, G.; TIGGEMANN, M. "A systematic review of the impact of the use of social networking sites on body image and disordered eating outcomes", **Body image**, v. 17, p. 100-110, 2016.
- HOSSEINI, S. A.,PADHY, R. K. Body image distortion. StatPearls. 2019. Acesso em 27 de Abril de 2022. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK546582/?report=reader>>. Acesso em abr. 2022.
- HU, Y. "Exploration of how female body image is presented and interpreted on Instagram", **Advances in Journalism and Communication**, v. 6, n. 04, p. 95, 2018. DOI:10.4236/ajc.2018.64009.

LEWIS-SMITH, H., DIEDRICHS, P. C., HALLIWELL, E. “Cognitive-behavioral roots of body image therapy and prevention” **Body Image**, v. 31, p. 309-320, 2019. DOI:10.1016/j.bodyim.2019.08.009.

NAZARETH, A. P., CASTRO, T. G. “Análise histórico-conceitual da imagem corporal em fontes científicas de psicologia (1900-1935)”, **Psicologia em Estudo**, v. 26, 2021. DOI:10.4025/psicolestud.v26i0.47372.

REIBNITZ, C. S., MELO, A.C.S. “Pesquisa como princípio educativo: uma metodologia de trabalho para a Educação de Jovens e Adultos”, **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 29, p. 484-502, 2021. DOI: 10.1590/S0104_40362021002902498.

SCATOLIN, H. G. “A imagem do corpo: as energias construtivas da psique”, **Psicologia Revista**, v. 21, n. 1, p. 115-120, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/13586>>. Acesso em 28 mar. 2022.

SHARMA, A. SANGHVI, K. CHURI, P. “The impact of Instagram on young Adult's social comparison, colourism and mental health: Indian perspective”, **International Journal of Information Management Data Insights**, v. 2, n. 1, p. 100057, 2022. DOI:10.1016/j.jjime.2022.100057.

STATISTA. **Distribution of Instagram users worldwide as of April 2022, by age and gender**. 2022. Disponível em: < [Global Instagram user age & gender distribution 2022 | Statista](#)> Acesso em: abr. 2022.

WELSH, T., WRIGHT, M. **Information literacy in the digital age: An evidence-based approach**. Elsevier, 2010. DOI:10.1016/b978-1-84334-515-2.50006-8.

YAGER, Z. et al. “What works in secondary schools? A systematic review of classroom-based body image program”, **Body image**, v. 10, n. 3, p. 271-281, 2013. DOI:10.1016/j.bodyim.2013.04.001.

ZELIHIĆ, D. et al. “It’s tough because I see that it’s upsetting her...”: A qualitative exploration of parents’ perceptions of talking with their adolescents about having a visible difference, **Body Image**, v. 38, p. 306-316, 2021. DOI:10.1016/j.bodyim.2021.05.006.